

Estórias de Cá

Mistérios Da Nossa Terra



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Apresentação

Este livro é o resultado do trabalho desenvolvido no âmbito da área-escola, pelos alunos do décimo ano, turma G, de Artes, da Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira, de Espinho.

O ponto de partida foi a abordagem da literatura oral tradicional, na disciplina de Português, embora o trabalho tenha sido alargado, num segundo momento, às disciplinas de Filosofia, Materiais e Técnicas de Expressão Plástica e Oficina de Artes.

Os alunos fizeram uma recolha de textos orais, tradicionais das suas áreas de residência, passaram-nos para a escrita e analisaram os valores que estes mesmos textos veiculam.

A ideia do livro surgiu de imediato. Daí o interesse em ilustrar as histórias. Os mesmos alunos fizeram então as ilustrações, imprimindo um cunho muito pessoal a cada uma delas e que corresponde à sua própria interpretação do texto.

No final, a interacção entre a escola e o meio revelou-se profícua e motivadora de novas experiências.

Os professores responsáveis:

Lídia Marques
Margarida Salgado
Paula Neves
Vítor Amador

Outros professores da turma:

Adelina Pais
Antónia Cardoso
Augusta Araújo
Gonçalo Botte
Maria do Carmo Almeida
Maria do Céu Pereira
Mariana Almeida
Zaida Guimarães

O Quarto Da Torre

Por Ana Brandão

Quando a minha mãe entrou para o 5º ano de escolaridade, que se chamava então primeiro ano do Ciclo Preparatório, devido à grande quantidade de alunos e ao facto de as instalações serem pequenas, acharam por bem que os do primeiro ano passassem a ter aulas no antigo Palácio da Rosa Pena, aqui em Espinho.

Aí, os alunos tinham acesso a tudo, excepto a um pequeno quarto que ficava situado na torre mais alta, porque os antigos diziam que aquele quarto estava assombrado pela jovem que lá tinha falecido.

Dizia a história que naquele Palácio vivera em tempos uma família de Condes que tinham uma única filha cujo passatempo preferido era estar nesse quarto da torre, a ler e a bordar.

A determinada altura, os seus pais acharam que a jovem condessa devia casar, tratando assim de lhe arranjar um noivo do mesmo estatuto social.

Uma vez que esta não podia desobedecer às ordens de seu pai, com o desgosto, pois não era aquilo que ela queria, começou a alimentar-se cada vez menos e a passar cada vez mais tempo naquele pequeno quarto, até que um dia deram com ela morta.

Desde então, dizem que a sua alma, ainda se encontra no quarto da torre.

Daí, quando o Palácio funcionava como Ciclo Preparatório ninguém ter permissão para lá entrar.

Como uns acreditavam e outros não, um aluno mais ousado resolveu lá entrar para

comprovar que não existia nada naquele quarto. Mal abriu a porta, caiu-lhe em cima uma telha que lhe rachou a cabeça. A alma da jovem condessa ainda lá se encontrava e não queria ser incomodada.

No Tanque Do Rio Novo

Por Célia Gonçalves

A história de que vos falar passou-se, no Rio Novo, em Grijó, onde se situava um tanque.

Todas as manhãs, por volta das seis horas e trinta minutos, por este lugar passavam algumas mulheres que se dirigiam para o seu trabalho, numa fábrica de papel.

Certo dia, há cerca de meio século, como habitual, vinham as mulheres pelo meio do caminho com duas pedras na mão que apertavam com algum medo da escuridão da noite. Guiavam-se pelo luar. Quando, de repente, ao assobio do vento misturou-se um barulho muito estranho que provinha do tanque. Segundo estas mulheres, o barulho era de alguém, a lavar a roupa. Mas quem?!

Era tão cedo e ainda de noite. Olharam para o tanque, dirigindo-se no entanto instantaneamente para o outro lado do caminho, quando viram uma coisa: " Talvez o diabo! Um vulto?" - diziam elas, apressando o passo, muito assustadas.

Estas mulheres, como não é de espantar, ganharam medo de passar pelo tanque. As pessoas, os vizinhos, os amigos e até os conhecidos, começaram a falar da "coisa que lava a roupa de noite". A partir desse dia, ninguém se atreveu a passar pelo Rio Novo. O mistério durava havia algum tempo e as pessoas andavam muito assustadas.

Até que, numa noite de lua cheia, de muita claridade, um jovem rapaz, depois do trabalho, regressava a casa, mergulhado nos seus pensamentos, quando se apercebeu que

estava a chegar ao tanque. Ficou espantado, nem a sua sombra se mexera. Começou a ouvir o barulho da água a mexer e pensou: "Não! Não é nada; é só a água." À medida que ia avançando, olhando para a frente, sem pestanejar, o medo ia aumentando, uma dor na barriga ia crescendo, as mãos iam ficando trémulas.

De repente, viu o rosto de uma mulher. Queria fugir mas as pernas não andavam. Teve a certeza que existia alguma coisa. Mas o quê? A sua sombra projectava-se nas paredes do tanque sem se mover. Então, "a coisa", virou-se e disse: "O que estás a fazer? Queres ajudar-me com a roupa?". O rapaz quase a desfalecer, perguntou-lhe admirado: "Porque é que está aqui, tão cedo? Sabe que assustou toda a gente?"

A mulher, sua vizinha, disse-lhe, muito atarefada: "Sabes que vou trabalhar às sete horas e não tenho outra altura para vir lavar roupa."

O rapaz, mais descansado mas ainda um pouco trémulo, despediu-se e foi-se embora. O mistério acabou-se ficando tudo esclarecido.

Depois desta história, as pessoas perderam o medo e quando lá passavam cumprimentavam a mulher, dizendo: "Bom dia, minha senhora...!"

Como Foi?

Por Cláudio Veiga

Encontra-se em S. Félix da Marinha, no lugar de Moinhos, um monumento com mais de um século, que está situado ao lado de um rio que atravessa esta terra.

O monumento está dedicado a Domingos António Soares que aí nasceu a 22 de Maio de 1802 e aí faleceu a 24 de Agosto de 1841.

As pessoas contam que o seu falecimento deveu-se a uma queda do cavalo que se assustou e fez com que Domingos caísse ao rio. Outras dizem que uma criança que ia morrendo afogada foi salva por Domingos que assim perdeu a vida. Outras ainda pensam que ele era lenhador e que, quando cortava uma árvore, esta lhe caiu em cima, provocando assim a sua morte.

Dizem que este local é utilizado para bruxedo, pois aí se encontram indícios de actividades ocultas, talvez para comunicar com Domingos ou para prejudicar a vida de certas pessoas.

Uma Luz Misteriosa

Por Daniela Melo

Por volta da meia noite, um homem que vivia numa quinta começou a ouvir alguns sons bastante estranhos e achou isso tudo muito esquisito. Foi então que saiu averiguar o que se passava, mas não viu nada, até que, a certa altura, olhou para trás e reparou numa luz que brilhava, como se fosse um pirilampo.

O homem ficou muito assustado. Apressou o passo para ver o que aquela luz misteriosa fazia, pois esta tinha começado a persegui-lo, o que o assustava ainda mais. Começou a correr. A luz continuava a segui-lo. Ao chegar à adega, o homem abriu a porta e entrou. Depois ouviu um barulho estrondoso. Com todos estes acontecimentos, o indivíduo já estava tão aterrorizado que não teve coragem para sair. Ali ficou toda a noite, tendo acabado por adormecer.

No dia seguinte, ao acordar, de manhãzinha, decidiu sair da adega. Ao abrir a porta, viu a marca de uma mão no meio dela. O homem ficou muito espantado e perguntou-se o que realmente era aquilo, mas nunca obteve resposta.

Na porta existe, ainda hoje, a estranha marca de uma mão.

A Lenda Das Alminhas

Por Evelyn Silva

Antigamente, as ruas de Arcozelo eram cercadas de pinhais e campos de milho que davam origem a muitas lendas.

Numa casa existia um pequeno altar a que se dava o nome de "Alminhas".

Diz-se que, quando um dos criados dessa casa morreu, a sua alma ficou lá dentro.

Dizia-se que quando se passasse junto a esse altar, de noite não se podia olhar para trás porque se alguém o fizesse, veria uma sombra e, como vindo do nada, sentiria um estalo.



Uma Família

Por Fábio Martins

Por volta de 1934, em Anta, estava uma jovem de oito anos à volta dos seus afazeres domésticos, nomeadamente a fazer o almoço para a família. Nesta, constituída por dez pessoas, havia uma criança de quatro anos, a sexta de oito irmãos.

Enquanto uma cozinhava, a outra, irrequieta, brincava pela casa. Chegando-se à lareira onde estava uma panela ao lume, tendo ao lado a fornalha, uma cova pouco acentuada onde estavam as cinzas ainda incandescentes, a criança caiu dentro desta. Chamou pela irmã que estava na cozinha, e, como não chorava nem dava a entender que algo de errado se passava, a irmã respondeu-lhe simplesmente "Já vou.". Quando lá foi, tirou-a da fornalha e correu para buscar o seu pai. Contando-lhe rapidamente a história, o pai perguntou se a irmã se tinha queimado muito. Ela explicou-lhe que, com a pressa, não tinha tido tempo para reparar nesse facto.

Quando chegaram os dois a casa, a pequena estava à porta. Mostrou a mão esquerda, a que tinha sido enfiada nas cinzas, e arrancou a pele do pulso até aos dedos. Depois dos tratamentos às queimaduras, ficou sem os dedos, a orelha pegou-se à cabeça e ainda tem algumas falhas de cabelo.

Os anos passaram e a irmã da criança constituiu família. A outra cresceu complexada com o seu aspecto e mal saía à rua. A queimadura causava-lhe tal transtorno que começava a dar sinais de problemas a nível psíquico. Por mentalidade da época e



ignorância, as pessoas recorriam primeiro a bruxas e a exorcistas do que a um médico. A criança tornada adulta ficava sem comer e sem dormir na cama, com os olhos fitados no tecto.

Tempos depois, foi internada no Conde Ferreira, saindo de lá completamente restabelecida.

Pela altura da doença da rapariga, já a irmã tinha cinco filhos. O mais velho, com catorze anos, tocava numa tuna musical e certa noite, depois de uma actuação, chegara em casa à uma da madrugada. A mãe, preocupada, tinha ficado na cozinha à sua espera. O filho nunca regressara a casa tão tarde. Desesperada com a atitude dele, chorava. O jovem entrou na cozinha e dirigiu-se ao seu quarto, sem que os dois trocassem qualquer diálogo. A mulher continuava a chorar, choro este que foi interrompido por uma música, segundo ela, uma rusga. Envolvida pelo som, distante, deixou-se estar. Quando deu por si, esta soava junto à porta da sua cozinha. Convencida que era o tardo, fugiu para o quarto. O tardo era um demónio com corpo de homem e cabeça de lobo que andava à solta de noite, e se andasse alguém fora de casa e que se cruzasse por um cavalo, acreditava-se que o tardo transformaria a pessoa no animal. Já no quarto, a música soava-lhe à janela. Levantava-se e a música seguia-a, pondo-a consumida. Não dormiu toda a noite, tendo a música soado até ao nascer do sol.

De manhã, a mulher foi a casa de uma outra irmã, a mais velha de todas, que tomava contada da que se tinha queimado em criança. Contou-lhe a história e disse-lhe que não voltaria para casa. "Cá é que não ficas, já tenho que cuidar da tua irmã!", respondeu-lhe



a outra. Chamaram um feiticeiro. Ele entregou um fósforo à mulher e disse-lhe “Tome lá este fósforo. Agora vá para casa que nunca mais a vão incomodar.”

Dito e feito, tiveram sossego.

A Santa Saiu Do Altar

Por Fernando Jesus

Há muito tempo, havia na igreja de S. Félix da Marinha uma figura da Nossa Senhora do Rosário. Era uma Santa preciosa e muito querida pelas pessoas da freguesia, porque tinha muitas pedras preciosas (diamantes, safiras...).

Um dia, os regedores da freguesia e o padre decidiram "vender" a Santa a um museu. Quem não gostou muito desta história foram os habitantes da freguesia que se revoltaram e obrigaram as autoridades a trazerem de novo a Santa. Assim, no dia seguinte, a Santa estava de volta à igreja. As mulheres fizeram os sinos tocar a rebate e todos estavam muito contentes, menos os regedores e o padre.

Passados alguns dias houve, em S. Félix, um jogo de futebol que a equipa da casa ganhou. Ao sair do campo um rapaz, contente com a vitória da sua equipa, gritou:

- Viva S. Félix!

Mas os senhores importantes que tinham "roubado" a Santa ouviram isto e não gostaram, porque pensaram que ele tinha dito aquilo por causa da santa ter voltado à Igreja e mandaram matar o coitado a tiro.

Mais uma vez, a população revoltou-se; houve gente que foi a tribunal, que esteve presa.

Foi um mal entendido que levou a vida de um jovem.



O Cruzamento

Por Helena Ferreira

Fazia precisamente um mês que o meu tio tinha nascido. Infelizmente, ele era um bebé frágil e, nesse dia, a doença resolveu atacá-lo. Os meus avós, aflitos, pegaram nele e levaram-no ao Hospital de Espinho. Lá, os médicos receitaram-lhe umas injeções. Os meus avós davam-se muito bem com uma senhora que sabia dar injeções, em Anta, e foram com o meu tio a casa dela.

Na rua 19, perto do cruzamento que dá para a Igreja de Anta, a minha avó viu algo muito estranho. Assustada com o que via, gritava:

– Olha! Olha, tantos cães!

Ela tinha visto dois cães grandes que rodeavam muitos cãesinhos.

– Onde? Não vejo nada! – disse o meu avô – Oh!, é impressão tua!

– Não, António. É mesmo verdade. Não os ouves a ladrar?

– Eu não!

E afinal não tinha lá nada, tinha sido apenas visões da minha avó.

Mas os antigos daquela terra, que agora é vila, diziam e dizem que, à noite, nos cruzamentos que ficam logo acima da estação de serviço, costumavam aparecer cavalos a galopar e o mais incrível é que não foram apenas duas ou três pessoas que os viram; foram muitas mais!

Será que a minha avó, ao passar no cruzamento, verá de novo os cães? Será que os cavalos ainda continuam a aparecer? Espero



que não me apareçam a mim, pois eu fugiria a sete pés!

História Da Santa Maria Adelaide

Por Joana Bragança

A serva de Deus, Maria Adelaide, nasceu em Castro Daire e foi estudar para o Porto. Os pais adoeceram e ela teve de voltar para casa. Depois de terem falecido, ela ficou com um irmão que também morreu alguns anos depois. Então, Maria Adelaide ficou sozinha.

Como tinha uma freira muito amiga, em Gaia, no convento de Corpus Cristo, resolveu vender tudo o que os pais lhe deixaram e ir viver para lá. Vivia no convento com as freiras, mas não chegou a confessar.

Ela tinha uma saúde muito débil, e por isso, no Verão, vinha para a praia da Granja, onde se sentia muito bem. Como as freiras tinham um amigo em Arcozelo chamado Sr. Pinto, pediram-lhe para arranjar um quarto para ela viver.

Veio ela e veio uma criada também. Faziam bolinhos e doces que as freiras compravam para as ajudar.

Maria Adelaide dava catequese às crianças. Ia à missa todos os dias. Dizem que ela sacudia as migalhas dos doces, e que os pardais vinham comer-lhe às mãos.

Quando ela morreu, foi enterrada num jazigo que o Sr. Pinto tinha comprado a pedido dela.

Passados trinta e três anos a Junta de freguesia pôs um aviso para que os donos dos jazigos que estavam abandonados, os limpassem, senão a junta tomaria conta deles.

Toda a gente limpou os jazigos, excepto um: aquele que Sr. Pinto tinha comprado. Então, a Junta foi verificar os registos e viram

o nome do Sr. Pinto. Mandaram-no chamar, e este disse que não era dele, mas sim de uma senhora que tinha vivido em sua casa.

A junta tomou conta dele e vendeu-o a outra pessoa.

Quando precisaram do jazigo para um familiar, abriram a cova e encontraram um caixão de chumbo. Tiraram-no para fora. Era muito pesado. Rasgaram a chapa e viram que Maria Adelaide estava intacta, parecia que estava a dormir.

O facto começou a constar-se, e toda a gente queria ver o corpo. Houve até a visita de um delegado de saúde. Decidiram cobrir o corpo de cal tendo ficado no caixão durante mais cinco anos.

Ao fim desse tempo, quando o abriram, constataram que só uns bocados do vestido estavam estragados.

Mais tarde, para lhe desfazerem o corpo, puseram-lhe ácido sulfúrico, o qual só a tornou um pouco mais escura.

Hoje, numerosas são as pessoas que vêm em peregrinação a Arcozelo, pedir ajuda à "Santa Maria Adelaide" ou agradecer-lhe alguma graça concedida.



A Feiticeira

Por Joana Pereira

A minha bisavó contou-me que, há muitos anos, havia em Grijó, um homem muito rico que tinha três filhos: uma rapariga e dois rapazes. Enquanto a rapariga ficava em casa, os dois irmãos andavam à conquista de novas terras.

Quando a sua esposa morreu, o homem voltou a casar com uma mulher lindíssima, mas que tinha uma particularidade que o homem desconhecia: era feiticeira.

No dia do casamento, várias pessoas vieram de longe para ver a nova mulher, e todos comentavam a sua beleza. Ela, satisfeita, sorria.

Mas, no meio da multidão, alguém gritou:

- Olhem para a sua filha, ainda é mais bonita que a sua mulher.

Esta ficou cheia de raiva, mas, continuando a sorrir, aproximou-se da filha do homem e disse que iriam ser muito amigas, embora, no seu íntimo, planeasse vingança, pois não queria rivais. No dia seguinte, altos gritos ecoaram pela aldeia: a filha do homem ficara com a cara toda queimada. O homem ficou chocado e desmaiou.

A partir daí, a aldeia viveu um período de terror, pois a menina era tão bonita e ficara horrível.

O irmão mais velho, assim que soube da notícia, decidiu vir vingar a irmã. A mulher foi avisada, pelos demónios, de que o irmão da menina viria, ficando bastante preocupada, pois só este podia quebrar o encantamento.



Assim, tentou fazer de tudo para que o irmão da menina morresse, mas este estava protegido com uns pós contra os feitiços.

Quando chegou à aldeia, viu a sua irmã, e passados uns segundos, a sua pele começou a cair, ficando com uma pele e uma cara ainda mais bonitas do que tinha.

A menina contou-lhe a sua história e o irmão aproximou-se da madrasta e cortou-lhe os dedos das mãos.

O segundo irmão, quando soube do sucedido, veio para casa, e juntos expulsaram a mulher da aldeia.

O homem nunca mais voltou a casar e todos viveram felizes para sempre.



Francisco Moutinho

Por Joana Rodrigues

Nascido em Paços de Brandão, filho de lavradores abastados, Francisco Moutinho resolveu um dia abalar para o Porto e aí abrir uma casa de câmbios. Com o passar do tempo enriqueceu, transformando-se num verdadeiro capitalista. A sua vida continuava, apesar de tudo, muito ligada à terra de origem, pois era lá que vivia Emília, sua namorada de longos anos e de quem veio a ter uma filha, Maria. No entanto, visto que as suas famílias eram de origens diferentes - Emília era pobre - nunca se casaram nem viveram juntos. Contudo, Francisco fez questão de educar a filha nos melhores colégios da época, proporcionando-lhe uma vida de fidalga .

Vinte anos passados, Maria ficou noiva. Seu pai, que até lá se tinha mantido fiel a Emília, por influência do seu procurador acabou por casar com uma sobrinha deste, que achava Francisco um bom partido. Ao tomarem conhecimento do sucedido, mãe e filha vestiram-se de preto em sinal de luto, e o chapéu de fidalga que Maria usava habitualmente foi substituído por uma sevilhana negra, que nunca deu lugar ao véu branco de casamento. Com o desgosto, Maria acabou por falecer, pouco tempo depois. Corria o ano de 1920 .

Emília, que entretanto tinha ido viver para Espinho, enlouqueceu, e, todas as noites, vinha a Paços de Brandão, ao cemitério, dar de beber à filha que, segundo ela, morria de sede. Um ano mais tarde, Emília faleceu também.



A mulher de Francisco , que nunca tinha vindo a Paços de Brandão , para evitar encontrar-se com Emília ou sua filha, resolveu então fazê-lo pela primeira vez, para participar num banquete em sua honra e em honra do seu marido. Com efeito, eles iriam ser os reis da festa de Agosto. Mas nunca chegaram a fazê-lo, pois ela teve uma trombose e faleceu alguns meses depois, deixando um filho pequeno que aos cinco anos morreu de hepatite .

Francisco enlouqueceu. Os desgostos eram demais e, em 1929, morreu também.



A Mulher Sem Cabeça

Por Maurício Ferreira

Em Junho de 1957, no lugar de Murracesses, na freguesia de Grijó, presenciou-se um acontecimento estranho e caricato. Durante aproximadamente uma semana, alguns moradores assistiram a algo fora do vulgar que chamou a sua atenção desde o primeiro momento.

Todos os dias dessa semana, por volta da meia-noite, no fundo de um monte, surgia, na ribeira, alguém ou alguma coisa vestida de branco à qual atribuíram o nome de “mulher sem cabeça” por andar com um suposto lençol por cima desta. Surgia do meio dos arbustos, caminhando até desaparecer por entre as árvores.

Passaram cinco, seis dias e as pessoas faziam pequenas romarias para ver a “mulher sem cabeça” atravessar a ribeira. Até que, ao sétimo dia, um homem, que provavelmente seria uma pessoa culta, ao contrário da população que era extremamente simples, subiu com uma pistola para cima de uma das árvores que se encontravam no local e pôs-se à espera que passasse a tal “mulher sem cabeça”. À hora do costume, o fantasma apareceu e o homem corajoso ergueu a arma e perguntou:

- Quem vai lá?

E o fantasma, ao ver o homem apontando-lhe a arma, disse:

- Por favor, não me mate! Sou eu, o “Tó Nando” que apenas queria fazer uma brincadeirazinha, mas nunca pensei que chegasse a tanto!



E assim podemos concluir que, por vezes, existem coisas que parecem não ter qualquer explicação para nós. No entanto, se tivermos um pouco de coragem conseguimos ultrapassar o medo e a ignorância.

A Lenda Do Mosteiro De Grijó

Por Osvaldo Branquinho

Diz a lenda que, do Mosteiro de Grijó, partia um túnel que ligava o Mosteiro à quinta do Bispo, na Granja. Esse túnel era usado única e exclusivamente por homens da Igreja, que o utilizavam para fugir ao olhar do povo, quando iam ter com mulheres, na quinta, caindo em tentação e cometendo o pecado da carne. E assim o fizeram durante longos anos, até à hora da morte.

O povo temia bastante a rua da Fonte do Bispo, porque não havendo luz nessa zona, dizia-se que as almas dos frades andavam a possuir as almas de pessoas inocentes. Até que uma pessoa bastante corajosa conseguiu aprisionar as almas dos frades: um velho homem de 68 anos, após uns rituais que duraram umas semanas, conseguiu prender as almas, mas logo de seguida, ficou bastante doente, não conseguindo sobreviver a alta febre que o atacou e morreu. Desde então diz-se que a alma desse homem, chamado "António Juvenal", protege os habitantes da Granja.



A Rapariga Misteriosa

Por Rui Maia

Há muitos anos atrás, um rapaz regressava de carro de uma festa, já muito tarde, e passou perto do cemitério de S.Félix da Marinha.

Viu uma rapariga, vestida de branco, e decidiu perguntar-lhe se queria uma boleia e emprestou-lhe o seu casaco porque ela estava com frio. Ao chegar a casa dela, o rapaz disse que passaria no dia seguinte buscar o seu casaco.

O rapaz foi para casa e adormeceu descansado, pensando que tinha feito uma boa acção.

No dia seguinte, foi, como combinado, a casa da rapariga.

Apareceu-lhe a mãe. Então, o rapaz pediu o casaco que tinha emprestado à sua filha.

A mulher não percebeu. O rapaz contou-lhe tudo, que tinha ajudado a rapariga na véspera. Qual não foi o seu espanto quando a mulher lhe disse que a filha tinha morrido há um ano atrás. Levou o rapaz à campa da jovem. Ao ver que na fotografia a rapariga estava vestida de branco, com o seu casaco, o rapaz desmaiou. Nesse mesmo dia foi internado.

As pessoas mais antigas dizem que, como a rapariga estava vestida de branco, ela queria dizer alguma coisa boa ao rapaz e à sua família, como se fosse um anjo protector.



O Homem Da Gabardina

Por Sara Caldas

Há mais de cinquenta anos, havia uma colectividade no Porto em que se realizavam bailes mais ou menos familiares.

Um rapaz que frequentava esses bailes, uma noite, viu uma rapariga , por quem ficou logo interessado . Foi ter com ela e convidou-a para dançar. Ela aceitou e eles dançaram e conversaram a noite toda .

Durante esse tempo, o rapaz notou que a rapariga tinha as mãos completamente geladas.

Em conversa, ele pediu-lhe a morada para que houvesse um próximo encontro . E assim foi: ela deu-lhe o endereço e ele, passados uns dias, foi à procura dela. Qual não foi o seu espanto ao verificar que o endereço que ela lhe dera era exactamente o do cemitério. Confuso, entrou e logo sentiu-se a ser puxado por uma força misteriosa para uma das campas. À medida que se dirigia para lá, viu a rapariga a erguer-se sobre ela.

Enfeitado, subiu para a campa, pousando a gabardina que tinha na mão.

A rapariga agarrou-o pelas mãos e começou a dançar, como no baile. Quase sem ele sentir, foi sendo puxado para baixo, enterrando-se com ela.

A gabardina ficou misteriosamente agarrada à campa, sem que ninguém a conseguisse tirar.

O estranho facto chamou ao cemitério centenas de curiosos que tentaram, em vão, desprender a gabardina.

Alma Penada

Por Sónia Ribeiro

Foi no Natal de 96 que me contaram esta história que aconteceu ao meu Padrinho Boia.

Uma rapariga, com mais ou menos 22 anos, foi ao enterro, em Anta, de uma senhora sua conhecida, e, quando acabou a missa, todas as pessoas se dirigiram para o cemitério. Acompanhada de alguns colegas, a moça também foi.

Passados vários dias depois do enterro, ela adoeceu: tinha muita febre, tosse, estava sempre pálida, completamente acabada. Mais parecia uma pessoa de 50 anos. Preocupada, sua mãe não descansou, correu médicos e mais médicos, mas nada feito; todos diziam sempre a mesma coisa: "A menina não tem nada; é apenas uma simples constipação. Com alguns comprimidos isso passa."

Várias semanas passaram e a pobre moça piorava de dia para dia. Já não falava e quase não comia. Foi então que a mãe decidiu recorrer aos serviços de um homem que tratava doentes com problemas inexplicáveis.

Numa manhã, bem cedo, bateram à porta do meu Padrinho. Este abriu-a e recebeu as duas mulheres com bastante atenção. A mãe da rapariga contou tudo o que se passara, desde a ida ao cemitério até esse dia.

O meu Padrinho já desconfiava do que se tratava, mas tinha de ter a certeza. Foi então que começou as rezas. Não sei bem como fez mas acertou. Estava pálido, a rapariga também. Então começou a relatar o que tinha acontecido à pobre moça: quando esta tinha ido ao cemitério, uma alma condenada



vagueava pelo local e apoderara-se do seu corpo, fraco e frágil, para que cumprisse uma promessa que tinha feito em vida e que, quando morrera, ainda não tinha cumprido. A rapariga tinha de comprar velas e colocá-las no altar, no santuário de Fátima.

Ansiosas e cheias de esperanças, mãe e filha foram a Fátima cumprir a promessa. Logo que o fizeram a rapariga começou a sentir-se melhor, começou a ganhar novamente saúde e voltou a ser feliz como antigamente. E ainda hoje agradece ao meu Padrinho por lhe ter salvo a vida.

A Cigana De Olho Preto

Por Tiago Sousa

Nos anos 70, vivia em Espinho uma mulher chamada Clara, num agrupamento de ciganos.

Clara era uma pessoa normal, de baixa estatura, tinha cabelos pretos e um olho tapado.

Aos 60 anos, Clara vestia as suas tradicionais roupas pretas e dirigia-se diariamente para Arcozelo. Aí, andava de porta em porta, a pedir esmola ou a vender panos e tecidos.

Poucas pessoas sabiam o seu nome, por isso chamavam-lhe "A Cigana do Olho Preto", devido à sua figura sinistra e, sobretudo ao seu olho tapado. Histórias terríveis se inventavam a seu respeito.

Os mais afectados pela sua presença, eram as crianças. Pois, quando estas se portavam mal ou faziam asneiras, os seus pais diziam-lhes—"Meninos, não façam asneiras, senão, "A Cigana do Olho Preto vem e leva-vos!"

Clara, era muito temida pelo seu aspecto exterior e nunca ninguém tentou aproximar-se dela e descobrir quem ela era realmente.

Com o passar do tempo, Clara veio a saber o que diziam a seu respeito e deixou de aparecer em Arcozelo.

Nunca ninguém soube o que lhe aconteceu. Sem Pé.

ÍNDICE

Apresentação.....	3
O Quarto da Torre.....	4
No Tanque do Rio Novo.....	6
Como Foi?.....	8
Uma Luz Misteriosa.....	9
A Lenda das Alminhas.....	10
Uma Família.....	11
A Santa Saiu do Altar.....	14
O Cruzamento.....	15
História da Santa Maria Adelaide.....	17
A Feiticeira.....	19
Francisco Moutinho.....	21
A Mulher sem Cabeça.....	23
A Lenda do Mosteiro de Grijó	25
A Rapariga Misteriosa.....	26
O Homem da Gabardina.....	27
Alma Penada.....	28
A Cigana do Olho Preto	30



Colecção

digit@lmente

Título: ESTÓRIAS DE CÁ

Autor: ALUNOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DR.
MANUEL LARANJEIRA

Edição em Formato Livro: 1999

Edição em Formato Digital: Junho de 2020

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© Autor e Elefante Editores
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997



Título: **ESTÓRIAS DE CÁ**
Autor: **ALUNOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DR.
MANUEL LARANJEIRA**

Edição em Formato Livro: **1999**
Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997